

MURDER BALLADS

NICK CAVE

Recontado por
Jorge Rocha



mojo
BOOKS

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

Nick Cave & The Bad Seeds

MURDER BALLADS

recontado por
JORGE ROCHA

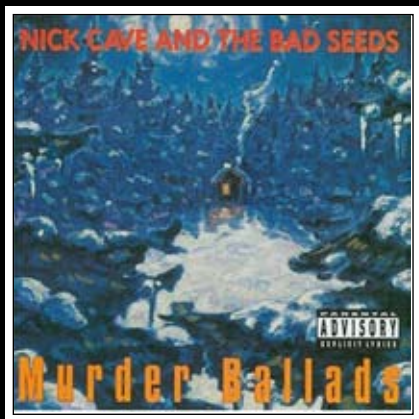
NOVEMBRO DE 2008
VOLUME 83

MOJO
BOOKS

NICK CAVE & THE BAD SEEDS MURDER BALLADS

recontado por
JORGE ROCHA

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**
PROJETO GRÁFICO: **DELFIN**
REVISÃO: **DANILO CORCI**
CAPA DESTA EDIÇÃO: **NELSON PROVAZI**



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Song of Joy
2. Stagger Lee
3. Henry Lee
4. Lovely creature
5. Where the wild roses grow
6. The curse of millhaven
7. Crow Jane
8. O'Malley's Bar
9. Death is not the end

NICK CAVE & THE BAD SEEDS MURDER BALLADS

LANÇAMENTO: **1996**
SELO: **MUTE RECORDS**



MURDER BALLADS

Dedico este livro à Ana Elisa Ribeiro.

*She leaned herself against a fence
Just for a kiss or two
And with a little pen-knife held in her hand
She plugged him through and through*

Nick Cave

TEM FORMA DE ARAME FARPADO [UMA LEMBRANCINHA]

Sangre de la herida, comprende?

Estava quase terminando o expediente. Que alguém se lembre de abençoar a existência do Valium, do Prozac e da benzina. Há urgência no ar. Foi quando recebi o chamado. Mesmo sem ouvir a respiração peculiar, era fácil saber que era ele mesmo ali. Estatelado no chão, estava o corpo do Homem Com Um Cacto Atravessado no Coração, À Vista de Todos os Transeuntes. Na autópsia, irão descobrir o que eu já havia deduzido: o cacto crescia de dentro para fora. E não fora espetado nele, como se supunha até então.

Carninha desfraldada balança. Como se fossem bandeirolas de pele acenando tchau. Vê? Eu não tenho buracos em minhas mãos. Assim que fechei os olhos do Homem Com Um Cacto Atravessado no Coração, À Vista de Todos os Transeuntes, tive uma dúvida: quem avisará as pessoas por e-mail quando eu morrer?

Senti-me um girininho. Parte de uma família de batráquios. Batráquios. Batra *kills*.

Apreendi que, para lidar com o Homem Com Um Cacto Atravessado no Coração, À Vista de Todos os Transeuntes, era preciso deixar de lado a desconfiança em relação aos *flashbacks* e quebras nas linhas da narrativa.

Essa era sua prerrogativa. Farejei esse traço de sua personalidade, como uma carta de intenções, no exato momento em que ele cruzou a porta do meu gabinete. Conhece aquelas histórias de feras encurraladas?

Dor de cabeça. Um ex-boxeador filipino. Abacaxi cortado ao meio. Sobras diárias de restaurantes chiques. Codornas e saracuras. Eu estava, mentalmente, fazendo testes de Rorschach na primeira vez em que vi o Homem Com Um Cacto Atravessado no Coração, À Vista de Todos os Transeuntes. E estava fazendo o mesmo enquanto olhava para aquele cadáver, enquanto as pessoas ao redor do corpo falavam comigo. Traqueotomia. Rato esparado num bico de Bunsen. Sal grosso em um prato de barro, em uma encruzilhada, em plena sexta-feira. Não que eu não estivesse prestando atenção em toda a cena. Por três vezes, pedi licença para ir ao banheiro e escarrei plaquinhas em forma de fumo de rolo.

Assim que ele entrou em meu gabinete, pensei que o Homem Com Um Cacto Atravessado no Coração, À Vista de Todos os Transeuntes havia errado a porta. Que se tratava de um caso médico, de uma intervenção cirúrgica com instrumentos perfuro-cortantes de última geração, e não algo relativo ao meu departamento e jurisdição. E meu negócio era — como ainda é, a despeito dos meus detratores: bang! — segurança, proteção e vigilância. Apesar de ter falhado com todas as letras nesse caso. Depois que ele se apresentou, fiz um muxoxo e mandei:

— Estes são meus amigos, Mr. Smith e Mr. Wesson. Irmãos em armas.

A partir de então, só posso recorrer às minhas anotações. Vai perdendo, que eu estou na enxurrada e na torrente. Chuá.

[limpando a garganta]

No colégio de padre onde ele foi criado, teve lá suas manias de rei: en-sejou arame farpado entrelaçado. No Monte Calvário de sua cabeça. Num processo de autofagia intelectual, determinou – sim, o termo exato é esse – que, quando a chibata da vida-víbora repica nas costas e não há o menor cacoete masoquista, para cada lanho, um ponto a mais na certeza e na crença da raiva e do rancor. Mistura essa intragável e quase sólida, subindo do estômago e travando na garganta, para depois se espalhar — espelhar? — pelo corpo todo. Evidenciei: quem sente isso nem pensa em esboçar ar-repio. Toda eletricidade convertida em produção. A isto, incautos — porque eles existem e, ai ai, se reproduzem ... — teimam em chamar de vivência.

[pigarro]

Vivência ... Vivência é a puta que os pariu. Agora eu sabia.

Depois de olhar durante horas para o cadáver do Homem Com Um Cacto Atravessado no Coração, À Vista de Todos os Transeuntes, aprendi a enxergar com o canto dos olhos com a mesma nitidez que vejo o que está bem à minha frente. Mr. Smith e Mr. Wesson vão se recolher. Sabem que, nesta empreitada, o melhor a fazer é ficarem caladinhos. Conhecimento é força: nós três compreendemos que aquilo que fere e cansa se manifesta por diferentes formas. Repolhos roxos. Cotovias ressecadas no asfalto. Pi-

mentões vermelhos em *outdoors*. Sim. Estou ecoando o senso de urgência. O que importa, como diriam os filósofos — se não estivessem todos mortos agora — é a entrega. Como se entrega. Quanto se entrega.

Isso é insanidade, isso pode ser o fim. Foi pensando justamente nisso que tornei exemplar um modo de me identificar – para que não esqueçam de mandar os devidos e-mails, ao menos. Com pontas de arame farpado, tatuei *i believe in miracles* no meu ombro esquerdo, enquanto o Homem Com Um Cacto Atravessado no Coração, À Vista de Todos os Transeuntes era baixado aos devidos palmos na terra plana. Do meu *bunker* passei a escutar o vento balbuciar *uma intenção* nas persianas.

Aaaa ... liceee?

Quase.

IREI COMER SEU UMBIGO [DA SÉRIE “CANÇÕES QUE O CROONER DISSIDENTE FEZ EM CO-AUTORIA]

Penso em meus dentes cariados, toda vez em que sou acometido por esta intenção. Hoje eu tenho certeza de que dentes serrilhados são causados pelo *rock’n’roll*. Ouíé. Tamanho apuro eu obtive de um tempo em que lidava com audiências, *soundtracks* e outros atos inglórios — a base de sustentação de um homem é por demais volátil. Também aprendi a exercer fascínio e aguçar curiosidade com a mão esquerda. Desconhecendo as letrinhas miúdas dos sentimentos, desde essa época, eu trincava os dentes. Hoje, nada no contrato impede que buracos quase cheguem até as gengivas, ecoando outros sons que não os meus, dentro da minha cachola. A saber: o mantra *ad nauseum* contra-indicado à tarja preta. *Vá se tratar. Vá se tratar. Vááááá se traataaar*. Conselho-ricochete de cáries suicidas, latejando e fugindo da pulsão emotiva que anda me acometendo. Intitulei o comboio de *Picárietas* e tentei cuidar de mim mesmo com samambaias.

Sem sucesso.

Isso porque, na contramão da história, estas cáries estão desejosas por extração e fechamento de tampas de sarcófagos. Um processo sintomático, pela própria natureza. Vá falar isso para a minha bília, enquanto marca o compasso do meu organismo desregulado. Ardendo em febre e ressonância,

vim parar nessa rua, onde há dois consultórios: um de dentista e o outro, de um psiquiatra. Lado a lado. Na porta de um deles, um cachorro preto se deita. Chego a cogitar que suas pulgas mandam alô intermitentes — em código Morse, *of course* — para os inquilinos dos meus caninos. Maldita hora para atos simbólicos! Escolho uma porta e se torna impossível não notar a clássica imagem de São Jorge Guerreiro espetando o dragão, mantida num dos cantos da sala de espera. Um deles é um bicho mordido, que tem sua espontaneidade sob controle. Assim como eu. Assim como eu. Um sujeitinho coordenado por tempo regulamentado.

Em outra consulta, coração enfiado em uma churrasqueira, entrei e saí acreditando em piração e insanidade. Reabilitado por outro tipo de terapia — *consumatum est* numa primavera livresca, ahá! —, compreendo hoje que pirando, mantenho fogo aceso no topo e ensandecendo, posso remeter a sendero e/ou fogo aceso contido. Tudo vem do fogo. Um pensamento — que é dela, é claro —, sendo repetido em uníssono pelas cáries, em busca de refúgio ou exorcismo. Percebo que o dragão palita os dentes com a lança empunhada por São Jorge Guerreiro. Antes que um deles pisque pra mim — em cumplicidade —, retiro todos os confeitos dos meus bolsos para pagar a conta. Por antecipação. Na mesa de fórmica rodopiam chapinhas arredondadas de níquel cinzelado — sim, eu decorei a tabela periódica dos elementos antes de ler a Bíblia duas vezes. Antes de ler a Bíblia duas vezes.

Tem fé? Você?

A mocinha-atendente é crédula e passa recibo. Broca estrebucha. Segundo as últimas notícias e os analistas de plantão, devo ter passado boa parte da minha existência metido em porões. Feio. Forte. Formol. A broca vai zumbizando serra elétrica, enquanto eu comprovo que precisava mesmo era de anestesia. Era de anestesia. No lugar de samambaias: alegrias. Clamores atendidos. Ahhhhhh.

Óbolo dentário: zumbido substituído nas caraminholas. Com diamantes. Me arranco do consultório — temendo ser chamado de volta para averiguar a tal piscadela da qual estou fugindo —, sabendo que me assemelho a uma figura saída diretamente de uma pintura de Hyeronimus Bosch. Um sujeito-ilustração que, acreditando ter se recuperado das britadeiras intracranianas, resolveu bater um papinho consigo mesmo sobre redenção da alma, maniqueísmo como esporte e outras cositas más de prateleira transcendental. Talvez com a boca um pouco torta.

Me ensina? Como lidar com Saudade?

Estou ardendo em febre, eu sei. Febre e ressonância. Febre e ressonância. Faço as contas e me certifico que possuo fósforo suficiente para fabricar 2.200 palitos. Quem sente isso queima ao toque. E para remediar? No coração-almofada de alfinetes, tão furado quanto meus dentes, cogito juntar amor incondicional ao pacote. Até então, eu afirmava que *isso* — sim, isso é amor; agora eu posso dizer — era como um ovo de urubu. O que sai

dali alimenta-se de carniça desde que nasce. Um horror. Um câncer a ser extirpado do seio da sociedade. Daí o surgimento das cáries. Uma limusine branca passa bem devagar e elimina qualquer vestígio de brocas.

Musiquinha, musiquinha. Sentencia um trecho:

///agora é aposta & gosto///

Minha voz grave e melancólica — ao fundo, um piano poltergeist acompanha o tom — quebra as casquinhas do tal ovo de urubu. E me certifico de que não há nenhuma imagem de São Jorge Guerreiro pelas redondezas. Arregalo os olhos, em mira, além do horizonte, além da praça, além do verde. Apuro que se trata da música-tema de meu *armagedom* intimista: quando começarão a me atazanar as sete últimas pragas? Uma é indelével, eu sei. Cismeiquei que estou sendo perseguido pelo fantasma cantante e fumegante de Serge Gainsbourg — dá até para sentir o Gitanes de longe.

Santifica meu amor, peixinha? Anda de mãos dadas comigo?

Atraído pela balbúrdia de física quântica, um urubu sobrevoa a limusine, carregando ainda algumas cascas de ovo em seu corpo. Num vôo rasante, evocando *ipiaiê ipiaiô*, me ataca com um beijo na boca. Eu sou a carniça. A curra pela imagem. Caio no chão, em desespero dúbio de cárie agulhada, e a limusine branca passa por cima de mim, tornando-me assim.

Cinza.

NÃO FALARÁS! [SAMPLE GRAND GUIGNOL INTERCEPTADO]

Com a roupa do corpo solto na estrada. Não mais a limusine branca. Um Chevette 77 é meu pastor. A estrada como guia. Antena vergada numa só direção, mesmo nas curvas. Estática anda comigo. Meu nome está na farpa fincada no dedo e na cicatriz que lembra a batalha travada. Conversão: antes vigilância e proteção; agora homem de mídia e matador. Um homem com uma missão. E, por executá-la como quem concebe obras de arte, procurado.

Eu poderia não ter nascido na década de 70.

Talvez nem mesmo Mellita, a estudante de Latim. Eu a havia convencido a se sentar no banco do carona usando uma tática simples: um bem aplicado puxão de cabelos — como rédeas; um ensaio para fazê-la de *pony-girl*. Eficácia. Rodamos, enquanto eu aplicava nela pequenas doses de um método sossega-leão — nesse momento, ao me lembrar, automaticamente coloco a mão na fivela em alto relevo catracada no cinto; um ornamento que convence, sendo bem utilizado. Rodamos. Modificando a paisagem enquanto cruzávamos: no porta-luvas, perto das gaitas, uma caixinha de prata guarda três línguas.

Manja aquelas histórias de feras encurraladas?

No quinto dia, paramos em um posto de gasolina. Foi quando eu rezei para São Abdul, o protetor dos dias obscuros. Mellita, já no terceiro dia, dava claros sinais de que *se entendera* com sua atual situação — nenhum traço de civilidade ou adaptação, na verdade; mas não era isso que eu queria? Percepção requer cumplicidade. Isso eu chamo de *entroncamento*. Uma música de Francisco F e as Idéias Perigosas em falta de sintonia: o rádio do carro chia com a estática.

Desço do carro e olho em volta. Paisagens. E escapes.

É com isso que eu lido. Por isso, precisamos parar. Para remodelar. Preciso absorver: sociopatia, politicagem e — ah, sim — cultura. Por isso, entro nesse bar — marcado no meu mapa como ponto de caminhoneiros. Enquanto faço os pedidos e me entupo com as proposições, modelos e imagens mentais que o local faz circular, rabisco minhas iniciais no balcão. Sou o inverso do nexo: disse isso para Mellita, depois que ela decretou que eu sempre falo em *paisagens*. O rádio vibra e meus olhos se viram para cima. E para dentro. Talento de quem faz parte de uma espécie em extinção: híbrido. Aprendi a enxergar com o canto dos olhos. A zoeira radiofônica interfere.

///estática///

When the air was full of such promises

I looked into Life's hard concrete rules

\\estática

Descobri-me como algo fantástico numa mesa de bar. Disseram uma vez

que este tipo de descoberta é feita ao acaso, sem o menor indício de busca. Antes disso, eu rezava, chiando: para que meus inimigos tenham pernas e não me alcancem. Agora, nesse ponto, penso em amputação e morfina; e peço, em oração, a desgraça como fonte de inspiração para modificar a *paisagem*. Uma musa que me sopra convencimento nos ouvidos. Daqui de dentro, é possível perceber que Mellita ainda não conseguiu achar a sintonia desse rádio.

///estática///

Don't know if I looked into her eyes

But I can tell when the sun is shining

\\estática

Mensagens superpostas assim, em histeria radiofônica, fazem meus dentes tremer. Saio da lanchonete, disposto a dar uns puxões no cabelo de Mellita. Coloco as mãos no cinto e me lembro. A fivela em alto relevo catracada no cinto deixou marcas na pele de Mellita. Marcas que ficaram roxas em menos de cinco minutos. Manipular é um termo visto como essencialmente ruim — o que é um engano. O estalo que faz quando bate naquele couro liso alimenta meu interesse em saber o que há por trás das *mensagens*. Os ruídos. Os ruídos. Os ruídos. Quando começo a depurá-los, um velho comete uma *interferência* no meu caminho. Todos os dentes à mostra; nenhuma cárie, nenhuma obturação, nada de tártaro. Mordendo uma pilha.

Dááá din-eeeeiruuu, moço.

Mellita sai do carro, sem acertar a transmissão, e remexe os olhos para nós dois: o velho com todos os dentes e eu, com as mãos na fivela do cinto. Um duelo: a estática emulando *the good, the bad, the ugly*. As regras do inimigo são bem claras. Pensei logo na minha coleção estalada na caixinha de prata.

Dááá din-eeeeiruuu, moço.

Meus olhos. Para cima. E para dentro. Os melhores modos de expressão que o homem descobriu dizem respeito a lanhos, rasgos e bifurcações. Particularmente, não vejo necessidade de uma língua numa boca que masca uma pilha gasta – sou um esteta; certos vícios não se perdem. O mais sensato a fazer é mesmo navalhá-la e com ela escrever o novo mandamento.

Não Falarás!

Mellita estala os dedos e
sussurra bem dentro do meu ouvido:
sola lingua bona est lingua mortua.

Aperto minhas mãos naquela cabeça branca de dentes perfeitos; vão dos dedos como frestas de máscara de ferro – para a entrada de ácaros e partículas de poeiras que rodopiam no ar. Combustão espontânea: a 1.400 graus Celsius. Faço pressão que vai chegando aos 55.000 quilobares. O velho com todos os dentes sai do ar, com a boca arreganhada: sintonia fina. Enquanto rasgo, com a navalha que trago sempre na bota, o tecido que mantinha aquela língua ligada à boca de lábios leporinos, meus olhos se voltam para

fora e para baixo, admirando a obra. Língua: a puta-que-manda. Segundo me disse João F dia desses, cravado de raiva, respeito e razão.

Dááá din-eeeeiruuu, moço.

O gargarejo abafado se confunde com o pecado não-confessado ao padre. Três passos atrás de mim, um tom de voz que eu conheço bem estala e estrila e estanca:

Recedite, plebe!

Quanta raiva tem Mellita.

A língua pendurada entre meus dedos: um talismã a mais na coleção. Um rosto roxo salpicado de futuros coágulos no chão. A estática do maldito rádio.

///estática///

Memories like corpses and bourbon

And there's no more a grinning man

Looking to me inside that mirror

\\estática

A busca de olhos pelas frestas da humanidade. A língua macilenta e roxa rola da minha mão para o bolso da calça. Mellita me disse uma vez, quando saímos em disparada no Chevette 77: é a minha forma de reagir a estas paisagens. Ver o que há por detrás das mensagens. Do ruído. Do ruído. Do ruído.

Habetis bona deum:

Mellita me encara nos olhos e
dispara diferentes níveis de tradução.

Sabe onde chega? Aos intestinos. Aos intestinos. É nos intestinos que faço meu bunker. Desejando a vertigem contagiosa abaixo da terra. No que acabo sendo prontamente atendido. Por um grupo de caminhoneiros que se deixou constituir minha audiência privilegiada. Minha cara estampada nas retinas. Minha obra: ao vivo e a cores. Transmissão em tempo real – eu consegui. Depois que descobrem meu nome rabiscado no balcão, aproveitam o ensejo para me cartografar na agonia, sacando suas armas. Novamente recorro a João F: a diversidade é tamanha que só de pensar me dá náusea. Há uma recompensa pelo meu escalpo. Estou em Barcelona. Estou em Nova York. Estanco no Brasil.

O ruído. O ruído. O ruído.

Meu nome é Shane.

Eu levei um tiro.



MOJO
BOOKS

www.mojobooks.com.br